



**V CONGRESSO INTERNACIONAL DE POLÍTICA SOCIAL E SERVIÇO SOCIAL:
DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS
VI SEMINÁRIO NACIONAL DE TERRITÓRIO E GESTÃO DE POLÍTICAS SOCIAIS
V CONGRESSO DE DIREITO À CIDADE E JUSTIÇA AMBIENTAL**

Sistema de Opressão: Ordem Patriarcal de Gênero e Relações Sociais de Sexo

O Lugar da Mulher na Sociedade: Gênero, patriarcado e feminismo

Vivian Chagas Martins¹

Resumo

A proposta do estudo é iniciar uma discussão acerca do papel da mulher na sociedade, abordando o conceito de feminilidade e patriarcado. O objetivo da pesquisa é refletir sobre o papel da mulher na sociedade, seus avanços e desafios. Através da revisão bibliográfica de autores que discutem o tema. O ensaio inicia sua discussão buscando refletir sobre o papel delegado à mulher na Era Industrial e as consequências dessa nova ordem. No decorrer do texto o movimento feminista (internacional e brasileiro) é colocado em destaque, discorrendo brevemente sobre sua trajetória, assim como o movimento de cada onda do mesmo.

Palavras-chave: Movimento feminista; Patriarcado; Feminilidade.

Abstract

The purpose of the study is to initiate a discussion about the role of women in society, addressing the concept of femininity and patriarchy. The objective of the research is to reflect on the role of women in society, their advances and challenges. Through the literature review of authors who discuss the topic. The essay begins its discussion by seeking to reflect on the role delegated to women in the Industrial Age and the consequences of this new order. Throughout the text, the feminist movement (international and Brazilian) is highlighted, briefly discussing its trajectory, as well as the movement of each wave of it.

Keywords: Feminist movement; Patriarchy; Femininity.

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa busca explorar o lugar da mulher na sociedade, desde suas raízes históricas até os desafios contemporâneos enfrentados pelo movimento feminista. Para tanto, este estudo inicia-se com uma análise da construção do conceito de feminilidade e do patriarcado, destacando como esses elementos moldaram as relações de gênero ao longo do tempo. Em seguida, examina-se o desenvolvimento do feminismo em âmbito mundial e brasileiro, identificando suas principais características, conquistas e obstáculos.

¹ Assistente Social, servidora na Divisão de Atenção à Saúde do Estudante – DASE – na Universidade Federal Fluminense – UFF – especialista em saúde da mulher. vivianmartins@id.uff.br.



A partir de uma abordagem histórica, o texto contextualiza a situação da mulher nos Estados Unidos durante o século XIX, destacando a transição da era pré-industrial para a industrial e as mudanças significativas que ocorreram no papel da mulher na sociedade. Esse período marcou a emergência da ideologia da feminilidade, que restringia as mulheres ao papel de mães e donas de casa, separando-as do mundo do trabalho produtivo e perpetuando a clivagem entre a esfera doméstica e pública.

Além disso, o estudo discorre sobre a estrutura patriarcal que se consolidou nesse contexto, enfatizando a subjugação das mulheres e os privilégios detidos pelos homens em diversos aspectos da vida social, política e moral. Destaca-se também a resistência e luta das mulheres ao longo do tempo, especialmente através do movimento feminista, que buscou questionar e transformar as normas e valores patriarcais.

A análise segue com um panorama do movimento feminista internacional, desde sua primeira onda no século XVIII até a terceira onda, marcada pela interdisciplinaridade e pela crítica aos discursos que perpetuam a dominação masculina. A partir dessa perspectiva global, o estudo concentra-se então no movimento feminista no Brasil, explorando sua evolução ao longo dos séculos XIX e XX, desde as reivindicações iniciais pelo direito à educação até as lutas mais recentes por igualdade de direitos e reconhecimento da autonomia feminina.

Por fim, o texto destaca a importância do debate atual sobre o lugar da mulher na sociedade, reconhecendo as conquistas alcançadas pelo movimento feminista, mas também os desafios persistentes, como a desigualdade de gênero, a violência contra as mulheres e a resistência a mudanças estruturais. Em meio a esse contexto, esta pesquisa busca contribuir para uma reflexão mais ampla e aprofundada sobre as questões de gênero e para o fortalecimento contínuo do movimento feminista em sua luta por uma sociedade mais justa e igualitária.

2. O LUGAR DA MULHER NA SOCIEDADE

Parto de uma visão mais ampla, abordando a realidade vivida nos Estados Unidos no século XIX. Segundo Davis, A. (2016) a mulher de antes do processo agressivo de industrialização era uma trabalhadora produtiva ainda que no contexto da economia doméstica. Essa era responsável por artigos necessários à sobrevivência da família, como a confecção de tecidos e fabricação de velas, por exemplo. As relações entre a mulher e o homem dentro do casamento eram balizadas pelo processo produtivo. Tratava-se de uma relação de complementação das funções onde ambos eram provedores da família.

Com a inserção da indústria fabril na sociedade estadunidense, século XIX, a mulher perde seu lugar de trabalhadora produtiva no seio da economia doméstica. As fábricas



têxteis tornaram obsoletas suas máquinas de fiar, assim como os artigos necessários à sobrevivência da família, que até então eram produzidos pela mulher em suas próprias casas. Diante de um novo cenário do capitalismo, da era da industrialização, o papel da mulher sofrerá uma ressignificação, com o intuito de adaptá-lo aos interesses do capital.

É nessa época que emerge a *ideologia da feminilidade* que enfatizava o papel da mulher como mãe, esposa e dona de casa amável para seu marido. Essa ideologia foi disseminada através de novas revistas femininas e romances, gerando assim um novo lugar para a mulher, habitante da esfera privada totalmente separada do mundo do trabalho produtivo. Nas palavras de Davis (2016):

“A clivagem entre economia doméstica e economia pública, provocada pelo capitalismo industrial, instituiu a inferioridade das mulheres com mais força do que nunca. Na propaganda vigente, “mulher” se tornou sinônimo de “mãe” e “dona de casa”, termos que carregavam a marca fatal da inferioridade.” (p. 25)²

O fato é que agora essa mulher foi colocada um novo lugar e papel na sociedade, século XIX, e até que essa realidade tome outros rumos e a mulher vislumbre um novo horizonte, serão travadas muitas batalhas. O conceito de feminilidade será amplamente questionado na luta das mulheres por seus direitos. É importante que se diga quem são essas mulheres: mulheres brancas de classe média alta. As mulheres negras ainda viviam a escravidão, portanto sem direitos civis, políticos ou sociais; e as mulheres pobres não tinham o trabalho como opção, era uma necessidade de sobrevivência.

De certo a era industrial estabeleceu novas relações de mercado, o que exigiu uma estrutura que garantisse sua efetividade. A lógica era, que para que o homem pudesse trabalhar em sua fábrica e se dedicar aos “negócios”, a mulher precisaria cuidar dos filhos, do marido, de toda estrutura do lar. À sua imagem foi vinculada ao âmbito privado, à figura maternal e cuidadora, quase uma santa. Essa lógica favoreceu a consolidação do patriarcado, que consiste em uma estrutura de poder social centralizada no homem. No masculino. Nessa relação de poder, as mulheres aparecem em função de apoio ao homem, de forma subjugada.

De acordo com Garcia (2011):

“Forma de organização política, econômica, religiosa, social baseada na ideia de autoridade e liderança do homem, no qual se dá o predomínio dos homens sobre as mulheres; do marido sobre as esposas, do pai sobre a mãe, dos velhos sobre os jovens, e da linhagem paterna sobre a materna. O patriarcado surgiu da tomada de poder histórico por parte dos homens que se apropriaram da sexualidade e reprodução das mulheres e seus produtos: os filhos, criando ao mesmo tempo uma ordem simbólica por meio dos mitos e da religião que o perpetuam como única estrutura possível”. (p. 17)³

² Mulher, raça e classe. São Paulo: Boitempo, 2016.

³ Breve história do feminismo – São Paulo: Claridade, 2011.



Ainda hoje, século XXI, vivemos em uma sociedade fundamentalmente patriarcal, onde os homens detêm privilégios de ordem política, moral e social. Romper com essa lógica não é tarefa fácil, pois está enraizada na nossa formação social, mas o tema vem sendo debatido constantemente e está sendo posto em cheque por diversos setores da sociedade.

As mulheres nascidas no século XXI, ou seja, com direitos adquiridos, naturalizaram tais direitos, como algo dado, e desconhecem a luta do movimento feminista. Não vou ser leviana de supor que todas as mulheres desconhecem o movimento feminista, muitas conhecem e endossam sua luta, que continua viva, avançando sobre novas pautas; outras mulheres já ouviram falar, mas recusam sua história, pela velha associação feita entre o movimento à imagem depreciativa de que as mulheres integrantes do mesmo seriam mulheres mal-amadas, masculinizadas, entre termos pejorativos, com o intuito de ridicularizá-las e enfraquecer a luta do movimento.

Hoje vemos um movimento de refluxo no comportamento social por um grupo de mulheres, enquanto os movimentos feministas continuam seu processo de alargamento e aprofundamento das discussões, existe um grupo de mulheres que ratificam o discurso do patriarcado, ocupando o âmbito privado. Muitas vezes esse lugar é uma escolha da mulher, o que também tem sua importância, afinal existe uma lacuna gigantesca entre escolher estar nesse lugar e ser forçada a ocupar esse lugar.

Costa (2004) vai lembrar que esse movimento de refluxo se deu com a chegada do projeto neoliberal que entre outros ajustes prega a retração do Estado, a retirada de direitos e acaba por devolver às famílias funções que deveriam ser executadas pelo Estado, através de políticas sociais. Esse movimento é chamado de familismo.

Às mulheres, legalmente, cabem os mesmos direitos e deveres que aos homens, mas, na prática, os papéis atribuídos a cada um deles é definido antes mesmo do nascimento. Às mulheres cabem o lugar do privado, do cuidado da família e do lar e aos homens o espaço público, como provedor da família. Esse estereótipo de “família tradicional” vem sendo contestado a todo momento. Atualmente, as mulheres ocupam os mesmos espaços que os homens, inclusive na universidade, mas essa evolução não apagou a configuração dos papéis sociais e sexuais imputados aos indivíduos na nossa sociedade.

2.1. Seriam as mulheres seres divinas que nasceram com dom da maternidade, de gerar a vida? E o amor materno, ele realmente existe? Manifesta-se da mesma forma em todas as mulheres?



Com o advento dos direitos sexuais e reprodutivos, as mulheres conquistaram o direito de dissociar a maternidade da vida sexual. Esse foi um grande golpe à estrutura patriarcal, que propagava o espírito maternal da mulher. Os incrementos contraceptivos permitiram às mulheres se programarem para ser mãe ou, simplesmente, negarem a maternidade. Sobre essas, as que não desejam ser mãe, o patriarcado também fez pesar tal decisão, associando essas mulheres às mesmas características depreciativas imputadas às feministas. Afinal, a maternidade, na sociedade patriarcal, é entendida como algo inerente à mulher. O amor maternal é tido como algo sagrado e inato.

Elizabeth Badinter (1995, p.1) defende que “o amor materno é um mito, não havendo conduta materna universal e necessária”.⁴ Dessa forma, o amor materno não é algo inato às mulheres, mas sim um sentimento como outro qualquer que depende de outras variáveis para existir. Ela defende que o amor materno depende da construção social onde essa maternidade foi forjada. A forma de maternar também passa pela formação social, onde a cultura estabelecida socialmente vai guiar os cuidados maternos.

Diante do exposto, entendo que o lugar da mulher na sociedade é onde ela se sinta mais à vontade. Ainda que escolha a vida privada, o cuidado com os filhos e o trabalho doméstico, é essencial que saiba reconhecer a importância do ato de poder escolher o que um dia foi imposto às mulheres. Àquelas que não desejam esse lugar, do privado, nem sempre é uma escolha.

As mulheres atualmente acumulam jornadas de trabalho. Se dividem entre as tarefas domésticas, cuidados com os filhos, trabalho (remunerado), estudo, entre outras atividades. Essa jornada dupla, até mesmo tripla, geralmente, é exclusiva das mulheres que, ao se lançarem no âmbito público, através do trabalho remunerado, não foram “liberadas” dos afazeres da vida privada.

Esse panorama nos possibilita entender o porquê das mulheres estarem constantemente em luta na sociedade, seja por espaço (público), reconhecimento, igualdade de direitos e ampliação dos direitos sexuais e reprodutivos, entre outros. O advento da contracepção, como dito antes, foi um marco na vida das mulheres. Garantir políticas de efetivação e ampliação dos direitos sexuais e reprodutivos pode resultar em uma sociedade menos desigual, já que o peso da contracepção recai constantemente sobre as mulheres.

Não é difícil encontrar discursos atribuindo unicamente às mulheres a responsabilidade da contracepção. Ainda que seja de conhecimento público a importância da prevenção de Infecções Sexualmente Transmissíveis – ISTs – através do uso do preservativo, que detém essa dupla função, evitar a gravidez e a contaminação por ISTs,

⁴ Um Amor Conquistado: o mito do amor materno - Rio de Janeiro, 1985.



ainda existe uma recusa ao seu uso. Mais uma herança da cultura patriarcal a qual estamos inseridos.

3. BREVE PANORAMA ACERCA DO MOVIMENTO FEMINISTA

3.1. O movimento feminista internacional

Diante de todo o contexto explicitado anteriormente, não podemos deixar de ressaltar a importância do movimento feminista e sua trajetória de lutas, conflitos e conquistas.

Segundo Garcia (2011):

“O feminismo pode ser definido como a tomada de consciência das mulheres como coletivo humano da opressão e exploração por parte do coletivo de homens no seio do patriarcado sob suas diferentes fases históricas. Desta forma, se articula como filosofia política e, ao mesmo tempo, como movimento social. É, ainda, uma consciência crítica sobre as tensões e contradições que encerram todos esses discursos que intencionalmente confundem o masculino com o universal”. (p.13)⁵

A discussão sobre políticas sociais e cidadania no Brasil é crucial para compreendermos como o país tem enfrentado os desafios de garantir o bem-estar de sua população e promover a inclusão social. Historicamente, o Brasil passou por várias fases de desenvolvimento de políticas sociais, cada uma com suas características e impactos na cidadania.

A chamada primeira onda do feminismo data do século XVIII, os últimos anos deste século ficaram marcados pela transição entre a Idade Moderna e a Contemporânea. As características desse período histórico são o desenvolvimento científico e técnico e seus fundamentos. Um acontecimento bastante marcante neste século foi a Revolução Francesa e todas as mudanças políticas que esse movimento provocou.

A Revolução Francesa representou uma amarga e seguramente inesperada derrota para o feminismo. Os clubes de mulheres foram fechados e proibiu-se explicitamente a presença de mulheres em atividades políticas, sob pena de ser guilhotinada ou exilada. As mulheres foram acusadas de abdicar ao seu destino de mães e esposas, como estava previsto nas leis da natureza.

O século XIX foi marcado por grandes movimentos sociais emancipatórios – o feminismo aparece, pela primeira vez, como um movimento social de âmbito internacional, com identidade autônoma e caráter organizativo. Esse período foi chamado de *A segunda onda* do feminismo.

Esse momento chamado de segunda onda ficou marcado por lutas pela igualdade entre os sexos e pela emancipação jurídica e econômica da mulher. Ao longo do século XIX

⁵ Breve história do feminismo – São Paulo: Claridade, 2011.



as feministas se empenharam, além de seus objetivos específicos, em temáticas concernentes aos direitos humanos e civis.

Um movimento que marcou essa segunda onda foi o *sufragismo*, um movimento de agitação internacional, presente em todas as sociedades industriais que tinha dois objetivos centrais: o direito ao voto e os direitos educativos. Apenas em 1920 entrou em vigor a décima nona emenda dando direito às mulheres estadunidenses a votarem.

O século XX foi marcado por inúmeras guerras. A Primeira Guerra Mundial (1914-1918), em 1917 começa a revolução Russa, Segunda Guerra Mundial (1939-1945) enfraqueceram o movimento feminista. O período entre guerras está marcado pela decadência dos movimentos feministas.

Em 1949, a filósofa Simone de Beauvoir lança a obra intitulada de *O segundo sexo*. Esta obra trouxe bases teóricas para uma nova etapa do movimento feminista, que se acreditava estar morto. Efetivamente, o feminismo estava desarticulado, uma vez que os objetivos do sufragismo haviam sido conseguidos, parecia que não tinha razão de ser.

Pode-se dizer que boa parte do feminismo da segunda metade do século XX foi marcada profundamente por essa obra, não apenas porque coloca de pé novamente o feminismo depois da Segunda Guerra, mas também porque foi o estudo mais completo, sobre a condição feminina, escrito até aquele momento.

A terceira onda do feminismo será marcada por conceitos interdisciplinares por natureza. Assim como o feminismo posterior não se dedicará apenas à reivindicação, mas indagará todas as ciências e disciplinas da cultura e do conhecimento como fez Simone.

“O segundo sexo será o alicerce do feminismo dos anos 50 e se converteu no livro mais lido pela nova geração de feministas, construída pelas filhas, já universitárias, das mulheres que obtiveram depois de da Segunda Guerra Mundial o direito ao voto e à educação. Serão estas mulheres que protagonizarão a terceira onda do feminismo”. (GARCIA, 2011, p.82)⁶

Até esse momento me reportei apenas ao movimento feminista de maneira geral, no entanto a obra não qual me baseei se fundamentava prioritariamente no feminismo europeu e americano. A fim de situar a importância desse movimento para esse trabalho, discorrerei a seguir brevemente sobre o movimento feminista no Brasil.

3.2. O movimento feminista no Brasil

Recuperando a discussão sobre o lugar da mulher na sociedade, é preciso lembrar que à mulher foi delegado o papel de cuidadora do lar, dos filhos, do marido, da vida privada da família. Essa conformação foi forjada com a transição da era pré-industrial para a era industrial no capitalismo. Nessa nova conjuntura, surge a necessidade de transformação do

⁶ Breve história do feminismo – São Paulo: Claridade, 2011.



processo de trabalho, e a mulher é envolvida nessa engrenagem como a pessoa que vai garantir o funcionamento da vida privada da família para que o homem possa trabalhar no mundo externo. Mas, de certo, em uma sociedade patriarcal, não colocariam a mulher em local de tamanho destaque e importância, imputando a ela as tarefas de “do lar” como algo inerente à mulher.

A gênese do feminismo no Brasil, de acordo com Duarte (2019), nasce da necessidade das mulheres conhecerem os benefícios do conhecimento. Até então, as mulheres não sabiam ler nem escrever, pois tais conhecimentos eram entendidos como desnecessários a elas. No início do século XIX as mulheres brasileiras, influenciadas pelo movimento feminista no mundo, se organizam para reivindicar seus direitos. A primeira reivindicação das mulheres foi pelo direito à educação/conhecimento. A legislação autorizando a abertura de escolas públicas femininas data de 1827. Até então a educação das mulheres era legada aos conventos e professoras particulares, com enfoque nas prendas domésticas.

As mulheres que desejavam ser escritoras eram feministas, pois o desejo de romper com o mundo doméstico já sinalizava uma postura subversiva. Um importante nome desse momento foi Nísia Floresta Brasileira Augusta (1810-1885).

A segunda onda ou segundo momento teve como característica principal a ampliação da educação feminina. Esse período ficou marcado pelo espantoso número de jornais e revistas de ficção nitidamente feministas. Vale destacar: O Sexo Feminino; Echo das Damas; O Domingo; A Família; O Corimbo e a revista A Mensageira.

O século XX se inicia com uma movimentação das mulheres minimamente organizadas em busca do direito ao voto, ao curso superior e à ampliação do campo de trabalho. Bertha Lutz (1894-1976) se tornou a mais importante liderança na campanha pelo direito ao voto feminino.

Em 1927, Juvenal Lamartine, governador do Rio Grande do Norte, se antecipa à União e aprova uma lei estadual dando o direito ao voto às mulheres. Esse movimento suscitou iniciativas em todos os estados pleiteando igualdade de direitos, mas apenas em 1932, Getúlio Vargas incorporou ao novo código eleitoral o direito de voto às mulheres.

No campo literário, as escritoras feministas se destacavam. Rosalina Coelho Lisboa, primeiro prêmio no concurso literário da Academia Brasileira de Letras; Gilka Machado, venceu o concurso literário do jornal A Imprensa; Mariana Coelho, inaugurou o feminismo pacifista; Rachel de Queiroz, publicou o romance O Quinze; entre outras.

A década de 60 do movimento feminista brasileiro foi considerado o momento mais exuberante do movimento. Onde o movimento pode pleitear e alcançar as reivindicações mais ousadas em direitos conquistados. Essa passagem também foi destaque pela Revolução Sexual e literatura.



Foi nesse momento que a Organização das Nações Unidas – ONU declarou o dia 08 de março como o Dia Internacional da Mulher. Ainda que em regime de exceção, período da ditadura militar, as mulheres lutaram contra a discriminação e pela igualdade de direitos; debateram sexualidade, direito ao prazer e ao aborto; planejamento familiar e controle da natalidade, enquanto política pública; tecnologia anticoncepcional, o que permitiu a desvinculação entre sexo e maternidade, sexo e amor e sexo e compromisso.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na sociedade contemporânea, entender a trajetória do movimento feminista e seus movimentos significa compreender como as relações sociais se conformam no seio dessa sociedade. A partir desse movimento, a sociedade, e não só as mulheres têm a possibilidade de realizar uma releitura crítica e mudar o rumo da história. Identificar a formação patriarcal e suas características ajuda muito no processo de conhecimento da formação societária.

No Brasil, assim como internacionalmente, o movimento feminista se fez necessário pelo lugar de subjugação delegado às mulheres. Não faltaram argumentos forjados pelo patriarcado para fundamentar o papel social da mulher, no entanto, como dito, nenhum desses argumentos se sustentaram efetivamente.

O movimento feminista constituiu-se em uma força política, que carregava consigo a lutas das mulheres pela ampliação de seus direitos e a conquista de sua cidadania. Nesse processo, de saída das mulheres do mundo privado (do lar), é enriquecedor observar a dinâmica que se estabeleceu. Para que as mulheres possam realizar suas tarefas fora de casa, acabam por delegar à outra mulher os cuidados com os filhos e o trabalho doméstico. Esse movimento é entendido como rede de apoio, ou seja, são mulheres que precisam de outras mulheres para conseguir acessar o mundo público ou simplesmente sair de casa.

A reflexão proposta mostrou os avanços conseguidos pelas mulheres na sociedade industrial, articuladas ao movimento feminista, ao longo dos séculos XIX e XX. Atualmente, séc. XXI, os movimentos feministas, no plural, pois cada um apresenta uma pauta específica, se ocupam em garantir direitos já consolidados, mas violados a todo o momento, e reivindicar direitos específicos do grupo que representa. Como exemplo trago o feminismo negro, que discute temas que são inerentes às mulheres negras. Pois, esse grupo, assim como outros, apresentam especificidades que o movimento feminista, tradicionalmente composto por mulheres brancas de classe média, desconhecem.

5. REFERÊNCIAS



BADINTER, E. Um Amor Conquistado: o mito do amor materno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BEAUVOIR, S. O Segundo Sexo: A Experiência Vivida. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1980.

COSTA, Suely Gomes. Movimentos feministas, feminismos. Estudos Feministas, Florianópolis, 2004.

DAVIS, A. Mulher, raça e classe. São Paulo: Boitempo, 2016.

DUARTE, Constância Lima. "Feminismo – Uma história a ser contada". Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto (org. ARRUDA, Heloisa Buarque de Hollanda), Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

GARCIA, CARLA CRISTINA. Breve história do feminismo – São Paulo: Claridade, 2011. 120 p. : il. –Saber de tudo